

A Doutrina da Igreja na Teologia Especulativa

Recensão do livro *Spekulative Ekklesiologie: Das Verständnis der Kirche in der Dogmatik* von Philipp Konrad Marheineke, de Albrecht Titus Wolff

([Europäische Hochschulschriften, Reihe 23, N. 632]
Frankfurt a. M./Berlin/Bern/New York/Paris/
Wien: Peter Lang, 1998, 321 p.)

O livro sob apreciação, *Spekulative Ekklesiologie: Das Verständnis der Kirche in der Dogmatik* von Philipp Konrad Marheineke [Eclesiologia especulativa: a compreensão de Igreja na dogmática de Philipp Konrad Marheineke], de Albrecht Titus Wolff, vem brindar o leitor de teologia e filosofia da religião, interessado no período marcado pelo idealismo alemão e sua variegada recepção, com uma nova e interessante contribuição.

O trabalho de Wolff suscita interesse sob dois aspectos. Primeiro, por exercitar um novo olhar sobre a assim-chamada “teologia especulativa” do início do século XIX, cujos maiores representantes foram justamente Philipp Konrad Marheineke (1780-1846), professor de dogmática em Berlim, e - pouco antes dele -, Carl Daub (1765-1836), professor de teologia em

Heidelberg. (A escola especulativa notabilizou-se por refundar a teologia sistemática a partir de um diálogo frutífero com o idealismo alemão, sobretudo com as figuras de Friedrich W. J. Schelling e Georg W. F. Hegel.) Segundo, por concentrar-se no desdobramento e na centralidade do tema *eclesiológico* em Marheineke, fato novo na pesquisa.

De modo geral, as avaliações da teologia especulativa têm sido determinadas pelo programa teológico que se propõe “por trás” da interpretação histórica, seja ele o de uma “teologia racional”, para o qual a teologia especulativa permaneceria aquém do programa especulativo e da estatura principalmente de Hegel - como nos casos de Falk WAGNER, *Der Gedanke der Persönlichkeit Gottes bei Ph. Marheineke*, *Neue Zeitschrift für systematische Theologie*, v. 10, 1968, p. 44-88; Ewald STÜBINGER, *Die Theologie Carl Daubs als Kritik der positionellen Theologie*, Frankfurt a. M.: Peter Lang, 1993; Eva-Maria RUPPRECHT, *Kritikvergessene Spekulation: Das Religions- und Theologieverständnis der spekulativen Theologie Ph. K. Marheinekes*, Frankfurt a. M.: Peter Lang, 1993 -; seja o de uma teologia mais “ortodoxa”, que, atendo-se ao veredito de Karl Barth em sua obra *Die protestantische Theologie im 19. Jahrhundert* (Zürich: EVZ, 1947), imputa à teologia especulativa, especialmente à de Marheineke, uma adoção acrítica da “filosofia” em detrimento da “revelação”, apesar dos primeiros passos do próprio Marheineke, quando teria desafiado o *Zeitgeist* reinante apesar de seu recurso a Schelling e Hegel.

O condicionamento das abordagens pela respectiva posição programática foi argutamente percebido e tematizado no período mais recente. Esta percepção pode ser colhida sobretudo do longo *Literaturbericht* de Jörg Dierken, publicado recentemente sob o título de *Zur Theologiegeschichte des 19. und frühen 20. Jahrhundert*, na *Theologische Rundschau*, v. 66, 2001, p. 194-239, 263-87. Neste trabalho se analisam, dentre várias outras obras sobre a teologia do século XIX - época em que a discussão necessariamente se dirige também à teologia filosófica e à filosofia da religião, razão pela qual não surpreende, por exemplo, a avaliação, por Dierken, de reedições recentes de Hegel e de interpretações filosóficas e

teológicas de sua teoria da religião -, também as obras supracitadas. Além delas, o autor tece vários comentários também a respeito da tese do próprio Wolff - objeto desta recensão -, orientada pelo Prof. Joachim Ringleben, de Göttingen, e do meu próprio trabalho de doutorado, *Metaphors of Light: Philipp Konrad Marheineke's Method and the Ongoing Program of Mediation Theology*, (European University Studies, XXIII/622). Bern: Peter Lang, 1998.

De modo geral cabe dizer que, cada uma a seu modo, ambas as contribuições tentam ler Marheineke, tanto quanto possível, fora do campo de gravitação do que eu gostaria de chamar de "teoria do epígono". Embora Marheineke tenha sido justamente considerado um "velho hegeliano" (prefiro a classificação generacional da escola à ideológica, que a subdivide, freqüentemente de modo esquemático, em esquerda, centro e direita), de acordo com aquela teoria a sua contribuição é vista invariavelmente sob o prisma do nível de realização filosófica e teológica sobretudo de Hegel. Mas esta decisão revela-se fatídica para a leitura, uma vez que a obra de Marheineke é, por via de regra, primeiro desqualificada em relação à mediação conceitual hegeliana; e, depois, remetida a um campo teológico que, em termos gerais, identificar-se-ia com a "ortodoxia" da época da Restauração.

Obviamente não iria resenhar meu próprio livro, e portanto remeto o leitor e a leitora a sua leitura e avaliação. Tampouco irei concentrar-me, portanto, nas semelhanças e diferenças de abordagem que obviamente existem entre meu trabalho e o de Wolff. Tratarei, isto sim, de (1) apresentar o esquema geral da obra deste último ao leitor e à leitora de língua portuguesa, concentrando-me após, para a viabilidade desta recensão no curto espaço que lhe é destinado, em dois outros pontos. Primeiro, no (2) veredito final sobre as relações deste teólogo com Hegel, mas também com a obra de Schleiermacher, de quem Marheineke tornou-se adversário pessoal na sua época de Berlim, por razões talvez não estritamente científicas (*wissenschaftlich*) - trato, aliás, de inculcar o uso desta palavra "científico" para desafiar a concepção pobre e autodefensiva de "ciência" que sói fazer apenas a louvação

de si mesma, também nos estudos da religião. E segundo, na (3) redescoberta da centralidade da eclesiologia na obra de Marheineke.

A obra de Wolff começa com um *primeiro* capítulo introdutório ao tema, intitulado “Eclesiologia e teologia especulativa”, ao que se segue, em nove páginas, uma biografia de Marheineke. Após isso a estrutura da obra é relativamente simples, desdobrando-se em mais cinco capítulos. Destes, os quatro primeiros concentram-se no estudo do desenvolvimento da eclesiologia de Marheineke nas duas edições de sua obra-prima, publicada pela primeira vez em 1819 sob o título de “As doutrinas fundamentais da dogmática cristã” (*Die Grundlehren der christlichen Dogmatik*, Berlin: Ferdinand Dümmler, 1819), e em segunda edição sob o título “As doutrinas fundamentais da dogmática cristã expostas como ciência” (*Die Grundlehren der christlichen Dogmatik als Wissenschaft*. 2. veränderte Aufl., Berlin: Duncker und Humblot, 1827.)

O segundo e o terceiro capítulos são devotados àquela que se convencionou chamar a dogmática “schellingiana” de Marheineke, sendo que no primeiro se apresentam “As pressuposições da eclesiologia de 1819” e no terceiro “O desdobramento da eclesiologia de 1819”.

No *segundo* capítulo, que trata das “pressuposições”, o autor envida esforços por esclarecer o arcabouço conceitual geral da Dogmática de 1819, concentrando-se na sua Introdução, que mais ou menos se identifica com os *prolegomena* à moderna teologia evangélica (i. e. “protestante”) deste historiador da Igreja e teólogo luterano da época da União Eclesiástica na Prússia. Alguns pontos altos da discussão se traduzem na relação entre Igreja e Teologia; no tema da positividade da religião enquanto “emoção” e “conhecimento”; nos dois “elementos” constitutivos da religião, sua “idéia” e “história”; e, finalmente, na avaliação de “forma” e “significado” do conceito de “Igreja” em sua relação de correspondência e relativo contraste com o conceito de “religião”.

No *terceiro* capítulo, que tematiza o efetivo desdobramento da *eclesiologia* no corpo dogmático propriamente dito

da obra, Wolff se pergunta pelo lugar sistemático da eclesiologia na Dogmática de 1819, discutindo, inicialmente, sua relação com dois conceitos básicos: o da doutrina trinitária, por um lado - o lado correspondente ao aspecto ideal da Igreja -, e o da comunhão religiosa (*Gemeinschaft*), por outro, correspondente a seu aspecto histórico e fenomenológico. A Igreja é, além disso, definida como “comunhão espiritual,” na medida em que é fundada por Cristo (p. 84) e expressão de sua “presença” (p. 102ss). Por último, Wolff trata da definição de essência e forma da Igreja, bem como de sua ação e futuro (p. 112-138).

No *quarto* capítulo, o autor volta-se para o tratamento da dogmática “hegeliana” de Marheineke, a de 1827, onde o teólogo de Berlim teria, supostamente, encontrado a forma científica adequada de sua exposição teológica - note-se o adendo *als Wissenschaft*, que desde há muito foi lido como confissão de dependência da “ciência hegeliana”. O título do capítulo adapta-se à estrutura de fundo, colocando-se a tarefa de analisar, desta feita, “As pressuposições da eclesiologia de 1827”. Como também faz o autor desta resenha, mas a seu próprio modo, Wolff busca relativizar a idéia dominante de uma ruptura abrupta e absoluta entre um “primeiro” e um “segundo” Marheineke, o que transparece mais ao final do trabalho (p. 260-264). Wolff é inclusive bastante cuidadoso na análise do que permanece e do que muda, mas a impressão geral é de que o maior tratamento científico da eclesiologia, interesse principal da pesquisa em questão, visa mais solucionar aporias sistemáticas da 1ª edição do que reformular a dogmática a partir do zero com base na filosofia do Conceito e do Espírito.

Em grande parte, a necessidade de uma reelaboração dogmática, sobretudo da eclesiologia, se faz necessária a partir do diagnóstico, agora mais agudamente percebido, que revela a inadequação da aporia teológica surgida da oposição absoluta de duas escolas ou atitudes opostas: o supranaturalismo e o racionalismo teológicos. A partir daí retomam-se, como na discussão da Dogmática de 1819, os conceitos de “Igreja” e “religião”, acrescentando-se a estes, porém, o de “ciência”. Sob esta rubrica se discute o novo estatuto e necessidades da ciência teológica, como atividade independente,

ao menos enquanto ciência, em relação à Igreja. Por fim, discute-se a unidade interna e externa entre os conceitos de ciência (teológica) e religião, em constante referência ao tema da Igreja.

No *quinto* capítulo, o autor expõe “O desdobramento da eclesiologia de 1827”. Na exposição fica clara, por um lado, a perspicácia da distinção entre o anterior conceito geral, fenomenológico-histórico, de comunhão religiosa (*Gemeinschaft*) e o conceito à uma só vez histórico e especulativo de comunidade (*Gemeinde*), reservado à comunhão fundada por Cristo, ou seja, à Igreja. A distinção e um certo desencontro entre idéia e positividade histórica, que parecia configurar a aporia eclesiológica da Dogmática de 1819, resolve-se mediante o recurso à categoria do “Espírito”, que dá uma feição especulativa decisiva e completa à definição de Igreja. Como é sabido, também a doutrina trinitária se integra mais, agora, ao conceito de “Espírito”, emprestando relevância mais que histórico-empírica à doutrina sobre a Igreja.

Concluída aquela que constitui a parte principal do trabalho, precisamente a parte que trata do *locus* eclesiológico ao longo do desenvolvimento teológico de Marheineke, o *sexto* capítulo avança na direção da *quaestio disputata* em toda a bibliografia sobre a teologia especulativa, especialmente no que diz respeito ao exemplo de Marheineke. Trata-se, agora, de cotejar, analítica e avaliativamente, a tendência geral da filosofia da religião de Hegel com a posição dogmático-sistemática de Marheineke. Neste ponto, além de uma análise do conceito (*Begriff*) de religião e da diferença entre religião determinada (*bestimmte Religion*) e consumada (*vollendete Religion*), ocorre uma concentração no terceiro elemento concretizado nesta última, o do Espírito, que sucede ao pensar abstrato de Deus (a estação do “Pai” e das relações trinitárias em si) e ao pensar da realização finita da diferenciação em Deus (a estação do “Filho”). Ora, a doutrina do Espírito é justamente o lugar da “eclesiologia” tanto em Hegel como na teologia especulativa. Assim, na segunda parte do sexto capítulo trata-se de apontar os pontos problemáticos na tradicional determinação da relação (*Verhältnisbestimmung*) entre Hegel e Marheineke; de re-

sumir as diferentes ênfases a distanciar, relativamente, a primeira e a segunda edição (“hegeliana”) da dogmática de Marheineke; e de mostrar a proximidade e a diferença entre Marheineke e Hegel. A partir de toda esta análise, tem-se como resultado que Marheineke pensou em relativa proximidade a Hegel, havendo uma acentuação da proximidade no reforço à concepção trinitária na teologia; e uma acentuação da diferença na inevitabilidade (*Unausweichlichkeit*) tanto da religião como da Igreja (!) na articulação daquela concepção.

De fato, é nessa direção que nos conduzem, respectivamente, as duas afirmações de Wolff:

A forma trinitária que Hegel deu à sua filosofia da religião é certamente a característica mais notável de uma concordância com Marheineke. Isto porque absolutamente não é óbvio o intento de conformar uma teologia moderna em geral como teologia trinitária. Marheineke deu este passo, e Hegel vai, alguns anos mais tarde (!), na mesma direção.

Diferentemente, porém, de Marheineke, Hegel acha-se livre de um conceito originário de uma fundamentação da Trindade eclesialmente vinculada e referida à tradição. (P. 264)

Fundamental na corroboração desta última ênfase marheinekeana é sua insistência numa distinção entre comunhão e comunidade religiosa (p. 265), na direção já indicada pelo autor no seu quinto capítulo, e prefigurada na dogmática de 1819, que distinguia entre comunhão em geral e comunhão espiritual em particular. Uma distinção que, ele concede, só com dificuldade se pode vincular ao pensamento filosófico-religioso de Hegel. (P. 266).

O resultado de todas as colocações de Wolff nesta seção consiste em relativizar a dependência de Marheineke em relação a Hegel, ao mesmo tempo em que se afirma uma interação frutífera entre as duas obras, respeitando-se a originalidade de Marheineke.

No sétimo e último capítulo, redigido em forma de excursos, o autor trata daquela que consistiria na segunda parte da resposta à minha segunda tarefa, a saber: qual o veredito final oferecido não somente sobre as relações de nosso teólo-

go com Hegel, mas também com a obra de Schleiermacher? Devido a meus interesses anteriores de pesquisa, concentro-me, na discussão desta última relação, em Schleiermacher - ainda que Wolff ofereça um competente excursão sobre a relação da posição eclesiológica de Marheineke com a obra do teólogo racionalista da época da *Aufklärung*, Johann Salomo Semler, uma figura, aliás, praticamente desconhecida na recepção da teologia protestante em língua portuguesa.

No tocante à relação Marheineke/Schleiermacher, é importante observar que a avaliação de Wolff se restringe às primeiras fases do pensamento tanto de Marheineke como de Schleiermacher, tomando como paradigmas da comparação respectivamente as *Grundlehren* de 1819 e as *Reden über die Religion* de 1799. Como principais aspectos gerais comuns a ambos os pensadores, Wolff assinala (1) o reconhecimento da necessidade de uma nova fundamentação da religião como contexto para o fazer teológico (p. 301) e (2) o reconhecimento da independência (*Eigenständigkeit*) da religião (p. 302). Mais importante, porém, são o reconhecimento da importância do sentimento (*Gefühl*) na constituição da religião (p. 302), mantido por Marheineke lado a lado com sua intenção de falar do aspecto de conhecimento (*Erkenntnis*) da religião, intenção no geral idêntica à dos filósofos idealistas; e a ênfase na compreensão da comunidade religiosa como comunidade de expressão e comunicação (*Mitteilung*), e logo como espaço de intersubjetividade (p. 304). Nessa comunidade de diagnóstico, porém, Wolff identifica a diferença essencial, que teria implicações diretas para a construção de uma eclesiologia especulativa: ao passo que “a concepção de Schleiermacher acerca da comunicação da religião (...) tem como ponto de partida a experiência religiosa do indivíduo”, Marheineke entende ser ponto de partida para a *teologia* a religião que já é expressão de uma totalidade (*des Ganzen*) ontologicamente anterior da religião. (P. 304.) “A comunicação que Marheineke tem em mente é a expressão de uma nova qualidade do ser em geral” (...) “Por isso, a comunicação religiosa é para Marheineke a expressão de uma nova qualidade da vida verdadeira. Ela é a expressão do novo ser-em-comunhão de pessoas religiosamente

tocadas (*religiös Affizierter*). Para Schleiermacher, ao contrário, a comunicação religiosa é o fundamento ou expressão da reunião de vários indivíduos.” (P. 305.)

Com base nessa diferença já nos encontramos, quando Hegel apenas começava a elaborar suas preleções sobre filosofia da religião, no assim-chamado caminho final da “teologia especulativa”. Se a condução durante o percorrido deste caminho foi suficientemente consistente e conceitualmente rigorosa no caso de Marheineke - especialmente segundo padrões hegelianos e neo-hegelianos -, é já uma outra questão, à qual a investigação de Wolff, junto com outras, vem prestar uma nova contribuição. De qualquer modo, ela vem lembrar, no sentido mais geral do estudo da religião, que, quer em Schleiermacher quer na filosofia da religião e nas teologias do idealismo, a centralidade da comunidade religiosa já é uma descoberta do início do século XIX. Não seria preciso esperar pela sociologia da religião de meados e de fim de século para esta descoberta; somente seria preciso esperá-la para entender a desconexão da religião com o Infinito e o Absoluto.

Luís H. Dreher
Doctor of Philosophy, Professor e Pesquisador
na Área de Concentração “Razão e Religião”
PPCIR-DCRE-UFJF